CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman
12 e 28 de Novembro de 2025

Blood Alley / 1955
Aldeia em Fuga

Um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman **Argumento:** A.S. Fleischman **Fotografia:** William Clothier **Direcção Artística:** Alfred Ybarra **Figurinos:** Gwen Wakeling **Montagem:** Fred MacDowell **Música:** Roy Webb **Intérpretes:** John Waynecap. Tom Wilder), Lauren Bacall (Cathy Grainger), Paul Fix (Mr. Tso), Joy Kimm (Susu, criada de Cathy), Berry Kroger (Old Feng), Mike Mazurki (Big Han), Anita Ekberg (Wei Ling), etc.

Produção: John Wayne, para a Warner Bros **Cópia:** 35 mm, CinemaScope, colorida, versão original em inglês legendada eletronicamente em português **Duração:** 115 minutos **Estreia Mundial:** EUA, em 1 de Outubro de 1955 **Estreia em Portugal:** cinema Monumental, em 11 de Setembro de 1956; **Reposição:** cinema Politeama, em 2 de Junho de 1966 **Primeira apresentação na Cinemateca:** 26 de Maio de 2008 ("Divas às Matinés: Lauren Bacall").

Após ter feito **The Conqueror/ O Conquistador**, às ordens de Dick Powell, John Wayne comprou a sua parte da companhia produtora que possuíam (Fellows/Wayne Productions) e rebaptizou a companhia com o nome de «BATJAC» (os cinéfilos, e fãs de Wayne, sabem que a designação provém do filme **Wake of the Red Witch/ A Lenda do «Bruxa Vermelha»,** de Edward Ludwig, que era um dos filmes favoritos do actor). O primeiro filme produzido pela BATJAC, seria **Blood Alley**. Wayne preparava-se para gozar umas boas férias com a família, dedicando-se apenas às funções de produtor. Para o papel do capitão Wilder, fora escolhido Robert Mitchum, que, ao lado de Lauren Bacall, era boa garantia para o «box-office». Porém, as coisas começaram a descarrilar logo ao começo. Os problemas surgiram entre o realizador Wellman e o actor, conhecido pelo seu carácter zombeteiro e provocador (diz-se que Mitchum terá, a certa altura, atirado Wellman à água). Por pressão de Wellman, Mitchum foi despedido, e Wayne viu-se com o problema de encontrar substituto, que a Warner exigia que fosse uma estrela de igual estatuto. Wayne pensou, primeiro, que seria uma boa ideia contratar Humphrey Bogart, juntando-o de novo a Bacall, mas o salário que o actor pedia (500.000 dólares) era excessivo para a bolsa da BATJAC. Gregory Peck também não estava acessível, pelo que Wayne se resolveu a vestir a pele do capitão Wilder em **Blood Alley**.

Blood Alley não é dos melhores filmes das carreiras do produtor/actor e do realizador William A. Wellman. Mas é bastante curioso e historicamente interessante, mesmo que não tenha funcionado bem na bilheteira – dois fracassos comerciais, como **The Conqueror** e **Blood Alley**, na carreira de qualquer outro actor teria sido nefasto; o facto de a sua imagem não ter sido afectada revela, por si só, o peso que tinha entre os espectadores de cinema. Para Wayne, **Blood Alley** serviu para que vincasse, se tal ainda fosse preciso, a sua agressiva posição política de extrema-direita no âmbito da guerra-fria. Tal como outro dos seus filmes de «propaganda» (o inenarrável **Big Jim McLain/ O Fio da Meada**, dirigido por Edward Ludwig), **Blood Alley** procura apenas transmitir a «mensagem» sem se importar com as inverosimilhanças do argumento e os anacronismos das situações, em que tudo se resolve na melhor tradição dos *serials*, como a irresistível sequência de evasão do capitão Wilder, ao começo, de uma prisão chinesa. Há dois anos encarcerado, limita-se a deitar fogo ao colchão e a aproveitar a arma que fora introduzida no novo colchão (o facto de a arma não ser detectada serve para provar a típica estupidez dos comunistas nos filmes americanos).

A elipse, que é uma forma de «pontuação» clássica, é aqui bastante útil para poupar o trabalho de nos mostrarem como a evasão se processa. Há também a inevitável falta de pontaria da canhoneira chinesa

(além disso um modelo demasiado avançado para o poder militar chinês de então), na fuga da velha embarcação do cemitério de barcos. Diga-se de passagem que esta é uma das melhores sequências do filme, especialmente devido ao trabalho de direcção artística de Alfred Ybarra, que dá à paisagem uma atmosfera quase fantasmagórica, e ao trabalho de Wellman no desenvolvimento da acção, com a cena da corrida de Cathy (Lauren Bacall) por entre os destroços, a fim de alcançar o barco em movimento. Não faltam ainda os chineses patibulares: o envenenador; o ricaço simpatizante do regime chinês, etc. Mas o que importa aqui será menos a «mensagem» e mais o «mensageiro», e o segundo não deve, obrigatoriamente, pagar pela primeira, coisa que se aceita desde a antiguidade clássica.

Os mensageiros são aqui William A. Wellman e o cinema de aventuras. No segundo caso, **Blood Alley** é um filme que cumpre bem a sua missão, com o ritmo que impõe à narrativa, com a forma como se desenvolvem as cenas mais dramáticas, e com as de pura acção: Wilder salvando, *in extremis*!, Cathy de ser violada por um façanhudo comunista chinês (como quase quarenta anos antes já se fazia com Mary Pickord sujeita aos ataques de um não menos façanhudo alemão em **The Little American**, de Cecil B. DeMille), a tempestade que rebenta perto do fim do filme, etc. É evidente que em termos de narrativa, **Blood Alley** não ultrapassa o nível da banda desenhada do seu tempo, com *clichés* e ingenuidades. Mas William A. Wellman dá boa conta do recado, ao tornar mais ou menos convincentes mesmo as situações mais absurdas. **Blood Alley** seria o penúltimo dos seis filmes que Wellman dirigiu para a companhia de John Wayne, tendo começado a colaboração entre os dois em 1953 com **Island in the Sky/Inferno Branco**, seguido de **The High and the Mighty/Alto e Poderoso** (uma espécie de antepassado dos filmes-catástrofe de aviação que apareceram nos anos 1970, a partir de **Airport/ Aeroporto**, de George Seaton, **Ring of Fear/ O Grande Circo**, em que substituiu o realizador creditado, James Edward Grant e **Track of the Cat**. Após **Blood Alley**, Wellman faria ainda para a BATJAC, uma verdadeira obra-prima que os espectadores da Cinemateca descobriram aquando da retrospectiva dedicada ao realizador em 1993: **Goodbye, My Lady**.

Manuel Cintra Ferreira